

## **Livro interativo expande o universo da série 'Merlí', da Netflix** **Filosofia & Ciências**

Enviado por: darice@seed.pr.gov.br

Postado em:29/06/2018

Lilian Monteiro | Portal Uai E+ Depois de três temporadas e sem previsão de retorno, o personagem Merlí conduz o leitor por indagações provocadoras e apresenta grandes pensadores. (Foto: Netflix/Divulgação) Abstinência. Palavra que define bem o sentimento dos fãs da série Merlí, da Netflix, com o fim da história do professor de filosofia nada convencional que ensina jovens de uma escola pública em Barcelona como se apaixonar pela área do conhecimento que se dedica à sabedoria, ao estudo da existência humana, investiga o mundo real e faz pensar fora da caixa, longe do lugar-comum. Sensação de privação que se esvai agora com o lançamento do livro A filosofia de Merlí, da Faro Editorial, com a mesma linguagem envolvente e desafiadora que alimentou a série catalã de três temporadas – mesmo com um final surpreendente, em fevereiro, há quem sonhe com a sua volta... Enquanto o fim é definitivo, o livro escrito por Héctor Lozano, o criador da série, e pela jornalista Rebecca Beltrán desperta o mesmo burburinho entre os admiradores. Apresentado como “o livro que não vai mudar a sua vida, não contém verdades absolutas... nem grandes mentiras, mas fará você abrir os olhos e o libertará de preconceitos (se ainda tiver algum)”, é pura verdade. Ele fará, assim como as aulas do professor Merlí Bergeron (Francesc Orella), que você “se farte, se revolte e que repense muitas de suas certezas”. É filosofia! O legal é que o livro é interativo. Como se você se tornasse aluno de Merlí e com tarefas a cumprir. E, claro, todas as questões instigantes e tentadoras que o obriga a sair da comodidade. É como se sentisse o olhar de Merlí revelando suas feridas, medos, dúvidas e “certezas”. O livro proporciona ao leitor a chance de ter um modelo de professor sonhado por muitos. Como reforça Lozano: “Na vida real, é muito difícil encontrar professores iguais ao Merlí... Por isso o criei, porque a ficção pode melhorar a realidade”. Nessa interação, em cada uma das mais de 300 páginas, há indagações curiosas do tipo: “Merlí diz: ‘Há uma tendência generalizada a não expressar o que pensamos. Eu a ignoro’. Você tem coragem de ignorar ou, ao contrário, prefere encontrar um jeito de dissimular? E por aí vai: “O que você acha mais perigoso: um franco-atirador ou um livre pensador? “A dúvida é um perigo? Se acha que sim, para quem? “Baseado no conceito de Foucault (normalidade implica uma relação de poder), você se acha normal? O que significa normal para você? “Merlí diz: ‘Somos assim, só pensamos em nós mesmos até que as circunstâncias nos coloquem no devido lugar’. Qual foi a última vez que o mundo colocou você em seu lugar? Depois disso, você continua pensando que tem tudo sob controle? Assim segue o livro, delicioso de ler, divertido, provocador e, às vezes, desconcertante. Um presente para quem, a cada episódio, se pegava anotando alguma fala de Merlí ou o pensamento do filósofo do dia. Dividido em 13 capítulos, começa com “Os Peripatéticos (os seguidores de Aristóteles)” e encerra com “Nietzsche”, passando pela sabedoria de Platão, Maquiavel, Sócrates... Em cada abertura, está lá uma síntese do pensador, devidamente apresentada de forma didática, simples, clara, que planta a semente do querer saber mais. E mais. Para confirmar a atualidade, a contemporaneidade do saber filosófico, Merlí chama a atenção para Guy Debord (1931-1994), que falou lá no século 20 que o nosso modelo de sociedade é converter a

vida das pessoas em espetáculo. Olha que ele não conheceu as redes sociais. Capítulo 8. Debord frisou: &ldquo;Em vez de vivenciar as coisas, consumimos ilusões de realidade.&rdquo; E Merlí propõe aos seus seguidores: &ldquo;Você acha que ele (Debord) tem razão? Que se não tiver um perfil no Facebook ou conta no Twitter ou no Instagram você não existe?&rdquo; Já ao ensinar o pensamento de David Hume, outra inquietação é lançada: &ldquo;Hume pensava que todo mundo é bom por natureza. E você? Acha que todos são bons até que demonstrem o contrário ou suspeita de todos? Abra uma página de qualquer jornal antes de responder...&rdquo; AMOR O livro também se destaca com notas do autor sobre críticas da audiência, que ele chama de &ldquo;queixa do espectador&rdquo;. Em uma delas, uma alfinetada: &ldquo;Tá, tá, muita filosofia, sim pra Nietzsche, sim pra Aristóteles etc... Mas essa série tem a ver mesmo com quem consegue trepar com quem.&rdquo; A resposta do autor: &ldquo;Você prefere uma série só de filosofia? Eu não (com símbolo de uma carinha sorrindo!&rdquo;. Há ainda, como curiosidade, algumas cenas da série transcritas, como nas declarações de amor de Joan Capdevila a Monica de Villamore e na de Merlí para Gina. Tons completamente diferentes, de uma declaração aberta a outra constrangida (do Merlí, claro!). A interação logo vem em forma de pergunta: &ldquo;Como você se declararia a quem gosta? Com palavras bonitas ou lhe daria um beijo diretamente?&rdquo;. Se é possível, sonhar com uma quarta temporada da série e daí um segundo livro, não se sabe. Certo é que há uma proposta, ou melhor, um convite na última página que dá vazão a especulações, pensamentos e elucubrações filosóficas. Será? Sem spoiler. Tanto um quanto o outro são uma experiência bacana, desperta sede de conhecimento de maneira leve, ainda que nada que envolva o mundo seja simples, quiçá o ser humano. Esta notícia foi publicada no site Portal Uai E+ em 25 de junho de 2018. Todas as informações nela contidas são de responsabilidade da autora.